



DA MILENAR SABEDORIA DAS PESSOAS IDOSAS AOS LIVROS SAPIENCIAIS

OF THE MILLENNIUM WISDOM OF ELDERLY PEOPLE TO SAPIENTIAL BOOKS

*Prof. Dr. João Luiz Correia Júnior**

*Profª MSc. Maria de Fátima Nóbrega Torres***

RESUMO

A sabedoria das pessoas que foram agraciadas com a longevidade foi bastante valorizada nas culturas pré-modernas. A literatura sapiencial da tradição bíblica, que advém do Oriente Médio, no Crescente Fértil, há mais de três mil anos, preserva em seus escritos sagrados essa deferência especial às pessoas idosas, concebidas como memórias vivas da história, contada à luz da fé em Deus, para que nada caísse no esquecimento. O presente artigo tem como objetivo comentar alguns textos seletos dos livros sapienciais da Bíblia (Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico e Sabedoria) que valorizam a contribuição da milenar sabedoria das pessoas idosas, em temas relevantes à cultura sapiencial. A metodologia utilizada é da pesquisa bibliográfica, na área dos estudos bíblicos e teológicos, por meio de bibliografia específica. Os resultados alcançados apontam para o fato de que as pessoas mais velhas, letradas ou iletradas, desde o ciclo familiar nas pequenas aldeias (pais, mães e avós), até os

* Doutor (1998) e Mestre (1995) em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RIO). Pós-doutor (2012) pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC GOIÁS), Professor e pesquisador da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), onde leciona no Curso de Teologia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião.

** Possui graduação em Filosofia pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Caruaru(1988), graduação em Educação Física pela Universidade Estadual da Paraíba(1985), graduação em Administração pelo Centro Universitário Boa Viagem(2004), especialização em Pós-graduação em Fisiologia do Exercício e Avaliação Morfo-Funcional pela Universidade Gama Filho(2002) e mestrado em Administração pelo Centro Universitário Boa Viagem(2007). Atualmente é da Universidade Católica de Pernambuco.



velhos sábios das escolas rabínicas, todos deram importante contributo não só para a cultura sapiencial do Judaísmo, mas para todas as culturas que valorizam o conhecimento.

Palavras-chave: Bíblia; Velhice; História; Cultura; Memória.

ABSTRACT

The wisdom of people who have been graced with longevity has been highly valued in pre-modern cultures. The wisdom literature of the biblical tradition, which comes from the Middle East, in the Fertile Crescent, for more than three thousand years, preserves in its sacred writings this special deference to the elderly, conceived as living memories of history, told in the light of faith in God, so that nothing falls into oblivion. This article aims to comment on some selected texts from the wisdom books of the Bible (Proverbs, Job, Ecclesiastes, Ecclesiastical and Wisdom) that value the contribution of the ancient wisdom of the elderly, on topics relevant to the sapiencial culture. The methodology used is bibliographic research, in the area of biblical and theological studies, through specific bibliography. The results achieved point to the fact that older people, literate or illiterate, from the family cycle in small villages (fathers, mothers and grandparents), to the old sages of rabbinic schools, all made an important contribution not only to culture wisdom of Judaism, but for all cultures that value knowledge.

Keywords: Bible; Old age; History; Culture; Memory.

1 INTRODUÇÃO

A sabedoria presente na Bíblia não tem como objetivo cultivar um mero conhecimento teórico-racional sobre o mundo na busca de especular sobre os princípios naturais que o regem. A sabedoria bíblica é a arte de viver por meio de uma conduta justa que reforça a lógica do bem. O princípio dessa sabedoria é o temor de Deus (Pr 9,10), por meio do qual “prolongarás os teus dias, e ajuntar-se-ão anos em tua vida”.

Temor aqui não consiste em medo que impõe obediência coercitiva, mas adesão voluntária a princípios que dão sentido à vida, tais como bondade, solidariedade e amor, cada vez mais experimentados como vontade divina. Confiar nesses valores se tornam expressão da confiança em Deus como Amor.

Nesse sentido, como bem sintetiza o biblista Tiziano Lorenzin (2020, p. 25-26), pode-se apontar três correntes fundamentais da tradição sapiencial bíblica: a sabedoria popular, que provém do ambiente familiar das aldeias do meio rural; a sabedoria das escolas, que refletem o ambiente das cidades por meio de normas de boas maneiras que visam a conservação da honra nas relações sociais; e a sabedoria “revelada”, do

ambiente religioso sacerdotal, baseada na Torá, cuja teologia é formulada no Livro do Eclesiastes e em Baruc 3,9 – 4,4.

A sabedoria popular presente na Bíblia provém do ambiente rural, dos vilarejos do Oriente Médio, fruto de uma longa observação no interior das comunidades, transmitida como desígnio de Deus às novas gerações, começando dentro de casa, tal como está escrito de modo tão singelo no livro do Tobias. Antes de morrer, Tobit, no ápice de sua sabedoria, chamou seu filho Tobias e disse:

Quando eu morrer, dar-me-ás uma digna sepultura; honra tua mãe e não a abandones em nenhum dia de tua vida; faz o que lhe agrada e não lhe sejas causa de tristeza alguma. Lembra-te, meu filho, de tantos perigos que ela correu por tua causa, quando te trazia no seio. E quando ela morrer, sepulte-a junto de mim, no mesmo túmulo. Meu filho, lembra-te do Senhor todos os dias e não queiras pecar nem transgredir seus mandamentos. Pratica a justiça todos os dias da tua vida e não andes pelos caminhos da injustiça (Tb 4,3b-5).

É digno de nota todos esses conselhos do idoso para seu filho. São conselhos práticos, válidos para todas as culturas pois humanizam as relações e estreitam os laços familiares, por meio de orientações sapienciais.

De fato, a família é o lugar primário onde se faz a experiência da sabedoria intergeracional, transmitida de geração a geração. É o lugar que mantém unidos pais e filhos no alternar-se dos acontecimentos históricos, sejam alegres ou tristes; é o lugar de crescimento dos sábios que posteriormente recebem reconhecimentos de sociedade. Os ensinamentos transmitidos de pai/mãe a filho/filha constituem o fundamento sobre o qual se constrói o “bem-viver” em sociedade, em economia, em política (LORENSIN, 2020, p. 25).

A sabedoria bíblica tem sua origem na experiência dos ancestrais, por meio da família e da tradição religiosa cultivada em círculos sacerdotais e proféticos. A sabedoria cotidiana é proveniente da educação familiar dos pais, mães e avós para os filhos e netos, ou seja, das pessoas adultas e idosas que transmitem sua experiência para os mais jovens.

A sabedoria religiosa que, naturalmente, incide também sobre o comportamento cotidiano, provém da *Torah* (Instrução Sacerdotal) e do *Dabar* Profético (Palavra dos

profetas), dentro de um sistema educativo organizado no Templo, nas Escolas Proféticas, nas Sinagogas e nos Círculos dos Escribas, Mestres oficiais das Sagradas Escrituras (ASENSIO, 2005, p. 22).

Essa cultura sapiencial popular é recolhida pela literatura bíblica do Primeiro Testamento por meio do adjetivo hebraico *hakam*, sábio, doutor, mestre, profissão ou profissional, e pelo substantivo hebraico *hokmah*, sabedoria, inteligência, prudência, sensatez (ASENSICO, 2005, p. 25-26).

Neste artigo, o objetivo é apresentar estudos de textos seletos do Primeiro Testamento da Bíblia que revelam a importância da sabedoria para a vida cotidiana e deixam claro quem são os protagonistas dessa sabedoria: as pessoas idosas. Para tanto, algumas perícopes (partes seletas do texto) serão apresentadas a partir dos Livros Sapienciais da Bíblia, escritos originalmente em hebraico e grego: Provérbios, Jó, Eclesiastes, Eclesiástico e Sabedoria.

2 A SABEDORIA DOS PAIS E MÃES NO LIVRO DOS PROVÉRBIOS

O livro dos Provérbios é uma compilação de coleções, enquadradas por um prólogo e um epílogo. Contém máximas sapienciais valorizadas ao longo de séculos, passadas de geração a geração por meio da cultura oral. O texto foi escrito “para conhecer sabedoria e disciplina, para penetrar as sentenças profundas, para adquirir disciplina sensatez – justiça, direito e retidão –, para ensinar sagacidade aos ingênuos, conhecimento e reflexão ao jovem” (Pr 1,2-4). Os ensinamentos são “fonte de vida para afastar as ciladas da morte” (Pr 13,14). É necessário, portanto, ouvir o conselho, aceitar a disciplina, para chegar a ser uma pessoa sábia depois (Pr 19,20).

Desde os primeiros versículos, assim como em muitas outras passagens, fica evidente que o livro dos Provérbios é uma grande interpelação sapiencial feita pelos mais velhos, no seio familiar, para que seus filhos sejam bem-sucedidos na vida.

Em Pr 1,8-9, lê-se:

Escuta, meu filho, a disciplina do teu pai, não desprezes a instrução da tua mãe, pois será formoso diadema em tua cabeça, e colar em teu pescoço. Meu filho, se pecadores quiserem te seduzir, não consintas!

Trata-se de uma exortação, muito bem escrita, cujo “eu lírico” (o “pai”) apela com uma frase no imperativo, para que seu filho escute os seus avisos, insistindo também para que valorize as instruções de sua mãe, pois, tais conselhos práticos se tornarão belas e preciosas honrarias.

É significativo que, em plena cultura patriarcal do mundo antigo, o protagonismo dos conselhos não recai apenas sobre a figura do pai. A mãe é citada, reconhecendo-se a sua importante contribuição. Interessante notar também que essa instrução básica para a vida não provém inicialmente de escola religiosa (profética ou rabínica), mas da casa paterna/materna por meio das pessoas mais velhas.

Isso pode ser interpretado como um reconhecimento, da parte dos que organizaram o Livro dos Provérbios, da grande contribuição dos mais velhos à sabedoria prática do povo de Israel. Os filhos e filhas que aceitam as palavras e seguem os ensinamentos dos pais alcançam as benesses da sabedoria, conforme Pr 2,1-22. Daí porque os “cabelos grisalhos” devem ser apreciados como belos sinais de honra nas pessoas idosas: “A beleza dos jovens é o seu vigor, e o enfeite dos velhos, suas cãs [cabelos brancos]” (Pr 20,29). Tem-se aqui, nesse provérbio, um reconhecimento de que, de um modo geral, a beleza das pessoas idosas pode ser encontrada justamente em seus sinais de amadurecimento na vida, que vêm naturalmente com o passar dos anos. A sabedoria exige, portanto, um conhecimento prático, que se obtém na observação e na experiência cotidiana da vida, no emaranhado da malha social. A felicidade consiste em buscar sempre mais habilidade para contribuir na tecelagem dessa malha, procurando viver em harmonia com os bons resultados dessa contribuição.

A sabedoria do livro de Provérbios, tal como está contemplada na versão final, supõe que há uma ligação umbilical entre o comportamento e o sair-se bem ou mal na vida: colhe-se o que foi semeado, tanto no plano moral (o bem produz o bem / o mal produz o mal) como no prático (o planejamento e o esforço inteligente levam à prosperidade / o descuido e a preguiça levam à ruína): “Ao justo nada acontece de mal, mas os ímpios estão cheios de infelicidade” (Pr 12,21); “Na senda da justiça está a vida; o caminho da perversão leva à morte” (Pr 12,28); “Toda fadiga [do trabalho] traz

proveito; o palavreiro [o mero falar] só produz indignação” (Pr 14,23); “A preguiça faz cair no torpor; o ocioso passará fome” (Pr 19,15).

Contudo, que dizer sobre o sofrimento das pessoas que padecem sem ter culpa alguma? O livro dos Provérbios defende que quem sofre deve ter pecados, que os outros não veem e que nem o próprio pecador percebe. Portanto, deve-se entender o seu sofrimento como o modo divino de reprová-lo e castigá-lo para o seu próprio bem: “Meu filho, não desprezes a disciplina de lahweh, nem te canses com a sua exortação; porque lahweh repreende os que ele ama, como um pai ao filho que preza” (Pr 3,11-12). No livro de Jó, essa questão é retomada e aprofundada.

3 A SABEDORIA DE JÓ NA MATURIDADE SOFRIDA

O livro de Jó, segundo a hipótese mais comum, teria sido escrito a partir de uma antiga tradição, um relato popular difundido entre os sábios do Oriente Médio Antigo, sobre um idoso, justo, fiel e sofrido. A época mais provável da composição do livro, com a reflexão sobre o porquê do sofrimento do justo, é pós-exílica (após o exílio forçado das lideranças judaicas na Babilônia, a partir de 538 a.C.), por volta de 445 a.C., ou mesmo nos primeiros anos do período de domínio helenístico, a partir de 333 a.C. (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA, 2013P, p. 738, verbete Jó).

O protagonista do livro é descrito no prólogo como um patriarca bem-sucedido, no ápice da sabedoria: é um personagem justo, abençoado por Deus com dez filhos (sete homens e três mulheres), com os quais leva uma vida harmoniosa. Contudo, Jó é tentado em sua fidelidade a Deus, conforme a síntese abaixo dos capítulos 1 e 2 do Livro de Jó:

Nesta vida ordinária um belo dia entra satanás. Jó, porém, não o sabe. É o leitor que se dá conta de um diálogo que se desenvolve no céu entre um misterioso personagem, satanás, o adversário, e Deus. Satanás pergunta: “Será em troca de nada que Jó teme a Deus?” (1,9). Seria sua religiosidade verdadeiramente desinteressada? Jó, honrado a Deus, não estaria talvez buscando a si mesmo e seus interesses? Após ter lido esse diálogo, o leitor sabe a razão pela qual Jó sofre. Deus permite que satanás prove a fidelidade de Jó em duas séries de desastres econômicos, familiares e pessoais, privando-o da saúde e golpeando-o com uma misteriosa doença de pele. Mas, mesmo nessa situação, Jó persevera em sua fé no Deus de Israel e não o maldiz como é convidado a fazê-lo por sua mulher (LORENZIN, 2020, p. 71).

Em meio às provações, Jó dá testemunho de fidelidade a Deus. Suas palavras são baseadas em trechos das Sagradas Escrituras, sabedoria da tradição religiosa dos ancestrais: “Nu saí do ventre de minha mãe e nu voltarei para lá. lahweh o deu, lahweh o tirou. Bendito seja o nome de lahweh” (Jó 1,21).

A primeira frase do texto acima, conforme a “escatologia” judaica (reflexão teológica sobre o “fim”, *eschatom*), encontra eco em alguns trechos da Bíblia:

Sl 139,13: “Sim! Pois tu formaste os meus rins, tu me teceste no seio materno”.

Is 26,19: “Os teus mortos tornarão a viver, os teus cadáveres ressurgirão. Despertai e cantai, vós os que habitais o pó”.

Gn 3,19: “Com o suor de teu rosto comerás teu pão até que retornes ao solo, pois dele foste tirado. Pois tu és pó e ao pó tornarás”.

Ecl 5,14: “Todo homem a quem Deus concede riquezas e recursos que o tornam capaz de sustentar-se, de receber a sua porção e desfrutar do seu trabalho, isto é um dom de Deus”.

Ecl 12,17: “Antes que o pó volte à terra de onde veio e o sopro volte a Deus que o concedeu”.

Eclo 40,1: “Enorme dificuldade foi criada para todos os homens, pesado jugo para os filhos de Adão, desde o dia em que saíram do ventre materno, até o dia em que voltarem para a mãe comum”.

Sl 49,17-18: “Não temas quando um homem enriquece, quando cresce a glória de sua casa: ao morrer nada poderá levar, sua glória não descerá com ele”.

Sl 73,24: “Tu me conduzes com teu conselho e com tua glória me atrairás.

Sl 91,15: “Ele me invocará e eu responderei: “Na angústia estarei com ele, livrá-lo-ei e o glorificarei; saciá-lo-ei com longos dias e lhe mostrarei a minha salvação”.

Como se observa, a sabedoria do velho Jó está muito bem fundamentada nas Sagradas Escrituras. Ele tem consciência de que tudo no mundo material perece, e não consegue satisfazer plenamente o ser humano; tem, portanto, valor relativo. Daí o desapego do personagem por tudo que é deste mundo e a busca incessante pelos

misteriosos desígnios de Deus, o Transcendente que nele habita e que está para além dele.

Jó persevera em sua fé no Deus dos seus ancestrais, tal como instruído nas Sagradas Escrituras. Por sete dias guarda silêncio e assim permanece, inclusive quando seus três amigos o visitam para confortá-lo (Jó 2,11-13). O consolo é impossível, pois estar diante do sofrimento atroz de alguém emudece: não se tem o que dizer.

“Enfim, Jó abriu a boca e amaldiçoou o dia do seu nascimento” (Jó 3,1). A aposta de Satã era que Jó amaldiçoaria Deus frontalmente (Jó 1,11). Em vez disso, Jó amaldiçoa o dia em que veio ao mundo, ou seja, sua própria existência, desde o momento em que nasceu.

Um de seus amigos, Elifaz de Temã, tomou a palavra para explicar a causa do sofrimento de Jó. E o faz afirmando que quem sofre deve ter cometido algum pecado (Jó 4,7-8): “Recordas-te de um inocente que tenha perecido? Onde já se viu que justos fossem exterminados? Eu vi bem: Aqueles que cultivam a desgraça e semeiam o sofrimento são também os que o colhem”.

O conselho dos amigos de Jó é que ele “não rejeite o castigo do Todo-Poderoso” (Jó 5,17); a implicação é que ele não é tão inocente quanto parece ou pensa ser. Mas essa resposta fácil não lhe serve; ele não tem culpa e tem ciência disso. Para ele, a verdade parece evidente – e é uma coisa terrível dizê-la: Deus simplesmente não é justo! “É por isso que eu digo: “Ele faz perecer o justo e o culpado”. Quando um flagelo espalha num repente a mente, ele zomba da desgraça dos inocentes (Jó 9,22-23). Em todo o seu longo debate com aqueles que o “confrontam”, Jó exige que Deus apareça (no tribunal, por assim dizer) e declare claramente que mal foi cometido por Jó para produzir tal má sorte (GABEL; WHEELER, 2003, p. 113).

Finalmente, após ter sido desafiado por Jó a responder seus questionamentos sobre o sofrimento do justo (em 31,35: “Esta é minha última palavra: que me responda o Todo Poderoso”), Deus se dirige a Jó nos capítulos 38 a 41 e provoca um diálogo, por meio do qual demonstra que Jó é um simples viajante por um imenso reino de maravilhas que surgiram antes dele e que perdurarão depois dele: “Quem é esse que obscurece meus desígnios com palavras sem sentido? (...) Onde estavas, quando lancei os fundamentos da terra? Dize-me, se é que sabes tanto” (Jó 38,2.4).

A palavra de Deus nesses capítulos demonstra que Jó é, como todo ser humano, um mero aventureiro pelo mundo, criado pela onipotência divina. Usufruiu das benesses da criação e enfrentou as vulnerabilidades dela. No ápice do seu sofrimento, foi levantando questionamentos que denotam amadurecimento conquistado a duras penas. Deus, finalmente, parece respeitar essa procura sincera por respostas e provoca um colóquio com Jó, por meio do qual demonstra o limitado poder humano de conhecer racionalmente o porquê do sofrimento injusto e dos acontecimentos inusitados da vida.

Jó finalmente se entrega nas mãos dos misteriosos desígnios de Deus. É um sábio amadurecido pelo sofrimento ao longo de sua longevidade. Sua confissão final (Jó 42,5) não configura um rendimento humilhado diante do vitorioso após um duro embate, mas uma grande conquista humana diante de Deus: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora meus olhos te veem...”.

Não se trata de visão do ponto de vista ocular, porque ninguém pode ver a face de Deus e continuar vivendo (Ex 33,20), mas de uma nova percepção do mistério divino. Jó, que tinha apenas uma ideia sobre Deus transmitida pela tradição religiosa do seu povo, a partir de sua dura experiência na vida foi adentrando ao mistério divino, chegando a contemplá-lo silenciosamente em clima de reverência e adoração.

4 A SABEDORIA DOS LETRADOS NO LIVRO DO ECLESIASTES

Como foi visto acima, o velho, sofrido e impaciente Jó, em sua busca sobre o porquê do sofrimento do justo, no ápice do embate com os três amigos que culminou no tenso colóquio com Deus, declara, finalmente, que conhecia Deus “só de ouvir dizer”, mas agora, “meus olhos te veem”.

Pode-se supor que toda a instrução recebida, até então, sobre o tema do sofrimento do justo, não foi suficiente para compreender o sentido do tema em debate (sofrimento do justo): ser fiel a Deus não implica necessariamente em bênçãos na vida. Mesmo sem respostas objetivas, Jó se rende ao silêncio amoroso, diante do mistério de Deus, reconhecendo os limites da sabedoria humana.

O livro do Eclesiastes ou Coélet (“o homem da assembleia, do hebraico *qahal*, em grego *ekkesia*) retoma o ponto em que o livro de Jó ficou e leva a discussão às últimas consequências: não há garantia de que fazer o bem ou o mal leve a boas ou más consequências para a pessoa que os praticou, como não há garantia de que qualquer espécie de ação tenha a consequência que o praticante pretende alcançar ou pensa que tem o direito de esperar receber. A única certeza deste mundo é a de que os processos naturais continuarão imutáveis eternamente – nascer do sol, ocaso, nascer do sol, ocaso – e de que a morte sucede à vida. Toda especulação humana sobre causa e efeito de nada vale (WEELER; GABEL, 2003, p. 113).

De fato, segundo o Eclesiastes (Ecl 3,18-19), Deus põe o ser humano à prova para que se aperceba como um vivente a mais, um simples animal, pois “a sorte do homem e a do animal é idêntica: como morre um, assim morre o outro, e ambos têm o mesmo alento; o homem não leva vantagem sobre o animal, porque tudo é vaidade. Tudo caminha para um mesmo lugar: tudo vem do pó e tudo volta ao pó”.

A sabedoria contemplada no livro do Eclesiastes denota um aprofundamento da reflexão bíblico-teológica, o que pode ser um reflexo do amadurecimento que surge em decorrência do sofrimento enfrentado pelo povo de Israel, ao longo do tempo. Eclesiastes foi escrito por volta do século V-IV a.C. Trata-se de um período em que a função educativa dos sacerdotes e dos profetas diminuiu, e foram os escribas (do hebraico *soper*, de *sapar*, “escrever”; do grego *grammateus*) ganhando mais relevância por serem pessoas que dedicavam muitos anos de suas vidas aos estudos bíblicos, até ficarem versadas na Torah. Sabe-se que

A origem dos escribas remonta ao tempo em que as elites de Judá foram obrigadas ao exílio da Babilônia. No quadro de uma restauração teocrática pós-exílica, que tinha como objetivo observar estritamente a Torah para não mais incorrer no castigo divino de perder tudo sob domínio estrangeiro, o papel do escriba foi bem apreciado. Desse modo, esses especialistas dos textos sagrados passaram a exercer a função de conselheiros dos tribunais, de juízes e de professores. Assim, com o passar dos séculos, constituiu-se uma tradição escolar de ensino cujos mestres gozavam da mais alta consideração, e nasceu o hábito de chamá-los de “rabi”, “meu mestre” (cf. Mt 23,5-7; Mc 12,28; Lc 11,43; 20,46) (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA, 2013, p. 460, verbete “escribas”).

Os escribas, portanto, em muito contribuíram para a Sabedoria fundamentada nas Sagradas Escrituras. Dedicando-se à instrução pública e privada por meio de escolas para principiantes e pessoas mais avançadas na instrução como, por exemplo, a *bet midrash*, “casa de instrução” ou “escola”, mencionada em Eclesiástico 51,23 (LORENZIN, 2020, p. 59).

A sabedoria ensinada no livro do Eclesiastes demonstra que a vida tem uma grande amplitude de respostas para as pessoas que a examinam em suas diversas nuances, na incansável busca de sentido que dê razões para viver. Vale a pena examinar a vida, em sua complexidade, pois “uma vida não examinada não passa de paraíso de tolos” (GABEL; WHEELER, 2003, p. 114).

5 A VELHA SABEDORIA JUDAICA VERSUS A SABEDORIA GREGA: OS LIVROS ECLESIAÍSTICO E SABEDORIA

Os livros Eclesiástico e Sabedoria são deutero-canônicos¹ e surgiram em meados do século II-I a.C., já no período de domínio grego no Oriente Médio². Esses livros confrontam a sabedoria secular do povo de Israel com os desafios colocados pela cultura grega.

5.1 O livro do Eclesiástico

“Eclesiástico” é a transcrição do título do livro em latim, *Liber Ecclesiasticus*, conhecido depois da época de São Cipriano (século III), provavelmente relacionado com o uso que as Igrejas faziam dessa obra deutero-canônica na instrução dos novatos (catecúmenos ou dos neófitos). Em grego é intitulado *Sophia iesou hyiou sirach*, Sabedoria de Jesus filho de Sirac; em hebraico *Bem Sirac*, donde o nome de Sirácida

1 Deutero-canônico é a qualificação que os católicos dão a certos livros do AT que não foram recebidos no cânon escriturístico judaico que se estabeleceu no período posterior ao sínodo rabínico de Jâmnia (pelos anos 90 dC). Trata-se de sete livros, mais alguns fragmentos, que figuram na tradução grega do Antigo Testamento (a Septuaginta, ou LXX), mas não na Bíblia hebraica (a Tanak). Os cristãos aceitaram estes livros, por assim dizer, “em segunda instância” (dêutero). Os protestantes ou evangélicos os chamam de apócrifos (não constam em suas bíblias). Os deutero-canônicos são sete livros do Primeiro Testamento: 1 Macabeus, 2 Macabeus, Judite, Tobias, Eclesiástico (ou Sirácidas), Baruc (com Carta de Jeremias), Sabedoria, além de alguns fragmentos gregos de Ester e alguns trechos de Daniel (KONINGS, 2002, p. 168-170).

2 Eclesiástico foi escrito em Jerusalém, por volta de 180 a.C. e o livro da Sabedoria, entre os anos 100 e 50 a.C. (ASENSIO, 2005, p. 216 e 230; MACKENZIE, 1983, p.240, verbete “eclesiástico”; p. 815, verbete “sabedoria”).

(Sr) que lhe dão em muitas versões recentes. Escrito originalmente em hebraico, em Jerusalém por volta de 190-180 a.C., por volta de 132 a.C. o neto do autor levou os escritos para o Egito, onde passaram a ser conhecidos pelos judeus daquele país (DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA, 2013, p. 406-407, verbete “Eclesiástico, Livro”).

Jesus bem Sirac teria sido um sábio que alcançou o exercício profissional do saber, praticado numa escola (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2002, p. 1574, “Introdução ao livro do Eclesiástico”). No Prólogo do tradutor para o grego, considerado não canônico, mas incluído em algumas traduções bíblicas (como a Bíblia de Jerusalém), o neto do autor dá o seguinte depoimento:

Meu avô Jesus, depois de dedicar-se intensamente à leitura da Lei, dos Profetas e dos outros livros dos antepassados³, e depois de adquirir neles uma grande experiência, ele próprio sentiu a necessidade de escrever algo sobre a instrução e a sabedoria a fim de que os que amam a instrução, submetendo-se a essas disciplinas progredam muito mais no viver segundo a Lei (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2002, p. 1144, Prólogo do Tradutor, versículos 7-14).

Chama a atenção o respeito e admiração do neto pelo venerável avô. De fato, como afirma Victor Morla Asensio (2005, p. 194),

Se levarmos em consideração a formação do autor, seus amplos conhecimentos das tradições teológicas e sapienciais do seu povo e sua mais que possível familiaridade com a cultura helenista, teremos de deduzir que Ben Sirac foi um famoso mestre de Sabedoria, de cultura cosmopolita.

Logo no primeiro capítulo do Livro do Eclesiástico (1,1-10) percebe-se um texto muito bem escrito, do ponto de vista literário e teológico, que sintetiza a essência do ensino sapiencial de Ben Sirac, vinculando a sabedoria/sensatez com o respeito e a reverência a Deus. E o faz de forma poética:

Toda sabedoria vem do Senhor,/ ela está junto dele desde sempre./ A areia do mar, os pingos da chuva,/ os dias da eternidade, quem os poderá contar?/ A altura do céu, a amplitude da terra,/ a profundidade do abismo, quem as poderá explorar?/ Antes de todas essas coisas foi

³ Tem-se aqui uma menção à divisão tripartida da Bíblia Hebraica: Torá (Lei), Nebiim (Profetas) e Ketubim (Escritos), mas não é certo que naquela época, fins do século II a.C., essas três partes tenham tido exatamente o mesmo conteúdo que hoje, sobretudo no que diz respeito à terceira (BÍBLIA DE JERUSALÉM, p. 1144, nota de rodapé b, que comenta os versículos 8 a 10 do Prólogo do tradutor).

criada a Sabedoria,/ a inteligência prudente existe desde sempre./ A fonte da sabedoria é a palavra de Deus nos céus:/ seus caminhos são as leis eternas./ A quem foi revelada a raiz da sabedoria?/ Seus recursos, quem os conhece?/ A ciência da sabedoria a quem apareceu/ E a riqueza dos seus caminhos quem a compreendeu?/ Só um é sábio, sumamente terrível/ quando se assenta em seu trono: é o Senhor./ Ele a criou, a viu, a enumerou/ e a difundiu em todas as suas obras,/ em toda a carne segundo sua generosidade,/ e a doou aos que o amam./ O amor do Senhor é sabedoria digna de honra;/ ele a concede como partilha àqueles que o temem.

Tem-se aí, de modo programático, dois temas fundamentais que perpassam toda a obra do velho sábio Ben Sirac: a sabedoria que vem de Deus (Eclo 1,1-10) e o temor ao Senhor (Eclo 1,11-21), sem o qual não se consegue acolher o dom da sabedoria. Importante perceber que o temor a Deus, para a pessoa amadurecida na fé, não consiste em ter medo diante do grandioso mistério de Deus, mas em entrega piedosa a seu infinito amor, ao longo da existência e até o último suspiro (Eclo 1,12-13): “O temor do Senhor dá contentamento, alegria e vida longa. É dom que vem do Senhor; ele o estabeleceu sobre os caminhos do amor. Para quem teme o Senhor tudo terminará bem, no dia de sua morte será abençoado”.

5.2 O livro da Sabedoria

O livro da Sabedoria começa com uma frase no imperativo, muito importante para a compreensão da obra como um todo: “Amai a justiça, vós que julgais a terra” (Sb 1,1).

Os destinatários, são “vós que julgais a terra”, em grego, *hoi krinontes tem gen*, que pode ser traduzido também como “vós que regéis a terra” ou simplesmente “os juízes da terra”. Trata-se, portanto, de quantos, em todo o mundo, exercem algum tipo de poder. Pode-se afirmar que é o mais importante tratado de teologia política: “é um tratado sobre justiça no governo, com argumentação teológica e orientação doutrinal” (BÍBLIA DO PEREGRINO, 2002, p. 1523, introdução ao livro da Sabedoria).

É muito difícil que um autor não deixe seu sinal e o do seu tempo na obra que escreve. Dentro dessa perspectiva, pode-se afirmar que o livro da Sabedoria foi escrito por um judeu, experiente na fé e bem instruído na sabedoria do seu povo, cujos textos sagrados e memória histórica servem de ponto de referência para suas reflexões. O autor era instruído na língua e cultura gregas, como é demonstrado nos próprios textos e nos conhecimentos enciclopédicos e filosóficos gerais, que perpassam toda a obra.

Supõe-se que tenha sido escrito na comunidade judaica da florescente Alexandria, no século I a.C. (LÍNDEZ, 1995, p. 49).

O livro da Sabedoria reflete sobre a realidade em sua complexidade, pois nem tudo é tão óbvio como parece ser. No que se refere ao tema do envelhecimento, Sb 4,7-16 levanta questionamentos a partir da morte prematura de pessoas justas. Numa argumentação até certo ponto revolucionária para a época, chega-se a afirmar que: “Velhice venerável não é longevidade, nem é medida pelo número de anos; as cãs do homem são a inteligência, e a velhice uma vida imaculada (4,8-9).

De acordo com José Vilchez Líndez (1995, p. 161), a morte prematura dos justos (que ocorre por motivos naturais ou por serem assassinados em virtude da coerência de vida de acordo com a vontade de Deus), tinha sido sempre motivo de escândalo para os fiéis piedosos, acostumados a ler nas Escrituras promessas de vida longa e de prosperidade aos observantes da Lei (cf. Ex 20,12; Dt 5,16; 30,20; Sl 21,5; 23,6; 91,16; Pr 3,1ss, etc.).

No entanto, neste último livro, incorporado ao cânon do Antigo Testamento, a esperança dos justos não está apenas na longevidade, pois ultrapassa as fronteiras da morte. Mesmo que morra jovem, o justo gozará de repouso, em paz, pois estará para sempre nas mãos de Deus (Sb 3,1-3.9): “A vida dos justos está nas mãos de Deus, nenhum tormento os atingirá. Aos olhos dos insensatos parecerão mortos; sua partida foi tida como uma desgraça, sua viagem para longe de nós como um aniquilamento, mas eles estão em paz (...) Os que nele confiam compreenderão a verdade e os que são fiéis permanecerão junto a ele no amor, pois graça e misericórdia são para seus santos e sua visita é para seus eleitos”.

A “paz”, que traduz aqui a palavra *irene*, do grego, tem o sentido da palavra *shalom*, em hebraico. Não significa apenas a ausência do mal, e sim, estado de segurança e felicidade sob a proteção de Deus (Sb 3,1) e na intimidade com Deus (Sb 3,9).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão amadurecida sobre o sentido da existência humana é, sem dúvida, consequência dos anos vividos na busca da sabedoria. As pessoas mais velhas são,

portanto, as mais favorecidas com o dom da sabedoria, sobretudo aquelas que se deparam com o sofrimento, em suas múltiplas formas. Diante dessa dura realidade existencial em meio às vulnerabilidades da vida pessoal, familiar, comunitária e socioambiental, é necessário enfrentar sem desesperar, com resiliência, encontrando saídas inteligentes para cada problema enfrentado. A fé em Deus, além de fortalecer na luta, ajuda a pessoa a encontrar sentido na vida, inclusive em meio às ameaças da morte.

Como foi explicitado ao longo deste breve artigo, a Sabedoria presente na literatura bíblica, sobretudo nos Livros Sapienciais e Poéticos, foi passada às novas gerações pelas pessoas mais velhas, experientes na vida, sejam elas do ambiente popular das aldeias (pais, mães, avós), ou intelectuais provenientes das escolas rabínicas (escribas). O objetivo é a instrução dos mais jovens e adultos para que sejam bem-sucedidos na vida, apesar das vulnerabilidades e aspectos que fogem completamente ao controle do ser humano, individualmente ou em sociedade.

A literatura sapiencial deixa claro que, em qualquer situação, é fundamental seguir os conselhos da Sabedoria: é mais salutar ser uma pessoa sábia do que uma pessoa insensata, tola, imprudente; mais vale trabalhar para conquistar algumas benesses materiais que deem bem-estar de curto e médio prazo do que ser privado delas; é melhor cuidar para ter uma vida saudável do que promiscuir-se, adoecer e morrer prematuramente; e, por fim, é necessário assumir a morte como algo natural, sem desespero.

Nessa perspectiva sapiencial, como afirmam os sábios que interpretaram a milenar sabedoria popular à luz das Sagradas Escrituras, a vida é precioso dom de Deus que deve ser valorizado, cultivado e saboreado com gratidão, sem muita expectativa, pois não se deve esquecer que tudo é muito fluido, escapável, impermanente. A única certeza que se tem é que um dia há de se enfrentar a morte. A grande graça é ter vida longa e saudável.

Por aí se entende que o Deus da Sabedoria é o Deus dos vivos, o Deus da vida. Não se deve gastar energia intelectual para se especular sobre o que vem depois. Há muito o que fazer no aqui e agora do tempo que se chama “hoje”. É mais que urgente seguir

os conselhos das pessoas mais velhas, experientes e sábias, sejam elas do meio popular ou dos meios intelectuais.

Esses mestres e mestras da vida, embelezados por seus cabelos grisalhos, prestam uma grandiosa colaboração aos mais jovens, que estão em período de formação. Importante fazer memória, manter viva a história, para que não se caia no esquecimento. Com isso, as pessoas que cultivam a sabedoria deixam claro que a vida não examinada não passa de paraíso de tolos.

REFERÊNCIAS

- ASENSIO, Víctor Morla. *Introdução ao estudo da Bíblia* – volume 5. Livros sapienciais e outros escritos. São Paulo: Ave-Maria, 2005.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- BÍBLIA DO PEREGRINO. São Paulo: Paulus, 2002.
- DICIONÁRIO ENCICLOPÉDICO DA BÍBLIA. São Paulo: Loyola, Paulus, Paulinas; Santo André: Academia Cristã, 2013.
- GABEL, John B.; WEELER, Charles B. *A Bíblia como leitura*. São Paulo: Loyola, 2003.
- KONINGS, Johan. *A Bíblia nas suas origens e hoje*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LÍNDEZ, José Vílchez. *Sabedoria*. São Paulo: Paulus, 1995.
- LORENZIN, Tiziano. *Livros sapiencias e poéticos*. Petrópolis: Vozes, 2020.
- MACKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulinas, 1983.